

O ABSURDO CAMUSIANO EM *O MITO DE SÍSIFO*¹

EL ABSURDO CAMUSIANO EN *EL MITO DE SÍSIFO*

PIMENTA, Danilo Rodrigues²

RESUMO: Nos três ciclos do pensamento de Albert Camus, a saber, o lirismo, o absurdo e a revolta, a relação entre o homem e o mundo é explorada. Contudo, o objetivo deste texto é investigar essa relação no ciclo do absurdo, mais precisamente em *O mito de Sísifo*. Nessa direção, buscamos compreender como o franco-argelino descreveu em seu ensaio sobre o absurdo, a relação de divórcio entre o homem e o mundo, constatada pela sensibilidade e esclarecida pela razão, nomeada de sentimento do absurdo e noção do absurdo, respectivamente. Para isso, destacaremos o absurdo como o marco inicial, o equivalente, no plano da existência, à dúvida metódica cartesiana, ou seja, realçaremos o absurdo como o ponto de partida do pensamento camusiano. Além disso, realçaremos que o absurdo é a concepção metafísica do homem e que há um momento imprevisto em que ocorre o despertar da consciência da absurdidade da vida, e, desde então, a condição humana se reveste de uma nova visão e percebe que a existência não é harmônica. Enfim, destacaremos que, seja pela sensibilidade ou pela razão, chega-se à inadequação ontológica que há entre o homem e o mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Homem, Mundo, Divórcio, Absurdo.

RESUMEN: El los tres ciclos del pensamiento de Albert Camus, o sea, el lirismo, el absurdo y la rebeldía, la relación entre el hombre y el mundo es explorada. En ese sentido, el objetivo de este texto es investigar esa relación en el ciclo del absurdo, más precisamente en *El mito de Sísifo*. En esa dirección, buscamos comprender como el franco-argelino describió en su ensayo acerca del absurdo, la relación de divorcio entre el hombre y el mundo, constatada por la sensibilidad y esclarecida por la razón, nombrada de sentimiento del absurdo y noción del absurdo, respectivamente. Para eso, destacaremos el absurdo como el marco inicial, el equivalente, en el plano de la existencia, a la duda metódica cartesiana, o sea, realzaremos el absurdo como el punto de partida del pensamiento camusiano. Además de eso, destacaremos que el absurdo es la concepción metafísica del hombre y que hay un momento imprevisto en que ocurre el despertar de la consciencia de la absurdidad de la vida, y, desde entonces, la condición humana se reviste de una nueva visión y percibe que la existencia no es harmónica. En fin, destacaremos que, sea por la sensibilidad o por la razón, se llega a la inadecuación ontológica que hay entre el hombre y el mundo.

PALABRAS CLAVE: Hombre, Mundo, Divorcio, Absurdo.

¹ Pesquisa realizada com financiamento da CAPES.

² Doutor em Educação pela Unicamp, na Área de Concentração em Filosofia e História da Educação, Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto, na Área de Concentração em Estética e Filosofia da Arte e Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás. Integrante do *Senso: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Pensamento Filosófico e Ensino de Filosofia* (UNICAMP-CNPq). E-mail: danilopimenta@hotmail.com

INTRODUÇÃO

No primeiro ciclo do pensamento camusiano a integração do homem com o cosmo é explicitamente explorada: o mundo se apresenta como uma promessa de felicidade, que, por sua vez, se fundamenta num paraíso sensível e material. É nesse mundo que o homem pode ser feliz, pois a felicidade está arquitetada no mundo físico e no âmbito da experiência humana, ou seja, nas dimensões da sensibilidade, nos prazeres simples e inocentes: tomar um banho de mar, sentir o calor do sol, acariciar uma mulher, etc. É nesse deleite sensível e harmônico com a natureza que a felicidade se efetiva, traduzindo-se na união – o casamento – do homem com o cosmo, sendo a infelicidade resultante do divórcio.

As primeiras obras de Albert Camus não exprimem o absurdo, pelo menos segundo as categorias que serão apresentadas em *O mito de Sísifo*. Em *Núpcias*, encontramos:

Amo esta vida com abandono e quero falar dela com liberdade: ela me dá orgulho de minha condição de homem. Contudo, já me disseram várias vezes: não há por que estar orgulhoso. Pelo contrário, há sim: este sol, este mar, meu coração saltitante de juventude, meu corpo com sabor de sal e o imenso cenário onde a ternura e a glória se reencontram no amarelo e no azul (CAMUS, 1965a, p. 58).

A união com o mundo é uma união amorosa que se expressa em três modalidades. Em primeiro lugar, existe o amor dos elementos naturais entre si, que “se exprime em termos de mar e sol” (1965a, p. 75); em seguida, existe a comunhão do homem com a natureza e, enfim, os amantes simbolizando a união dos corpos. Esses são os três aspectos de um mesmo amor e de uma mesma comunhão (COHN, 1975, p. 16). Nessa comunhão com o mundo há uma divinização dos elementos da natureza – em outras palavras, nas núpcias com o mundo reside uma ideia de sagrado que começa e termina na experiência carnal e material. Para Camus, o reino do sagrado encontra-se nesse mundo e toda busca por unidade limita-se à realidade sensível.

Em “Núpcias em Tipasa”³, Camus evoca um momento de intensa fusão com a natureza: “Na primavera, Tipasa é habitada pelos deuses e os deuses falam no sol e no odor dos

³ O primeiro dos quatro textos de *Núpcias*.

absintos, no mar revestido de prata, no céu de azul escuro, nas ruínas cobertas de flores e na luz que jorra por entre as pedras amontoadas” (CAMUS, 1965a, p. 55).

Nesse casamento com a primavera, o homem se integra e se realiza com a natureza: o sol aparece como o ponto de demarcação da experiência humana, do culto aos prazeres sensíveis e do corpo. Como disse Guimarães: “O amor aparece como uma verdade do mundo. É ele o grande sim que dizemos à realidade. Amar é entrar em um perfeito acordo com o mundo” (1971, p. 26.). Logo, nessas núpcias com o mundo, não há motivo para questionar a existência.

O SENTIMENTO DO ABSURDO

Se, no primeiro ciclo de seu pensamento, Camus enfatizava as núpcias do homem com o cosmo, num segundo momento, tratou de realçar a sensação de mal-estar diante da existência que emerge da relação que o homem tem com o mundo, fazendo-o perceber, por meio da consciência, não mais as núpcias, mas o divórcio entre o homem e o mundo, denominado absurdo. Ao constatar a estranheza e a densidade do mundo, os cenários disfarçados pelo hábito desmoronam, evidenciando-se, assim, a ausência de sentido da vida. Esse mal-estar diante do mundo é o sentimento do absurdo, é o semblante da condição metafísica do homem.

Nesse universo, em meio à densidade do mundo e ao mal-estar da existência, o homem se sente um estrangeiro, pois nada está claro. “Um mundo que se pode explicar, mesmo com más razões, é um mundo familiar. Mas em um universo repentinamente privado de ilusões e de luzes, pelo contrário, o homem se sente um estrangeiro” (CAMUS, 1965b, p. 101). Portanto, a natureza do sentimento do absurdo consiste na impressão de sermos estrangeiros no mundo, onde nada é totalmente explicado.

À medida que o homem se encontra consigo, vê que nem tudo é harmônico. Segundo Camus, essa experiência existencial é sentida cada um, ao questionar o sentido de sua própria vida, ao se interrogar se há uma razão profunda para existir (CAMUS, 1965b, p. 101). É dessa maneira que o sentimento do absurdo reveste a condição humana com uma nova visão.

Camus fez questão de deixar claro, em diversos momentos, que o absurdo é o ponto de partida de seu pensamento, não sua conclusão – o equivalente à dúvida metódica em Descartes (CAMUS, 1965c, p. 417). Sua busca não é por uma doutrina, mas por um método. O absurdo é o ponto de partida e o horizonte da condição humana, inseparável da revolta que provoca.

As obras do Absurdo já contêm as sementes da Revolta e as obras da Revolta se compreendem dentro do sentimento e da consciência do Absurdo. A passagem de *L'Étranger* a *La Peste* corresponde à passagem de *Le Mythe de Sisyphe* a *L'Homme révolté*. A experiência do Absurdo nasce do sentimento de que o homem não está em harmonia com o mundo, ela desemboca na expressão da Revolta, na ação coletiva (SILVA, 2008, p. 192).

Com *O mito de Sísifo*, estabelece-se um marco inicial, “um prefácio, a descrição, se você quiser, o ponto zero” (CAMUS, 1965d, p. 1422), afirma Camus na carta a Pierre Bonnel, datada de 18 de março de 1943. Firmar o ponto zero significa privar-se de todas as supostas certezas, lançar-se à dúvida hiperbólica como questão de vida ou morte. “Constatar a absurdidade da vida não pode ser um fim, mas somente o começo” (CAMUS, 1965d, p. 1419), assevera o franco-argelino, ao analisar *A náusea*, de Sartre. O absurdo não é o ponto de chegada de seu pensamento, mas apenas o ponto de partida para estabelecer sua filosofia da revolta. É por isso que a grande tarefa camusiana consiste na superação do absurdo pela revolta, o que não implica a eliminação do problema.

Em uma entrevista concedida a Gabriel D'Aubarède, dez anos após a publicação de *O Mito de Sísifo*, disse Camus:

– Essa palavra, “Absurdo”, tem tido uma fortuna infeliz, e confesso que isso chega a me irritar...

Quando analisava o sentimento do Absurdo n'*O Mito de Sísifo*, andava à procura de um método e não de uma doutrina. Eu praticava a dúvida metódica. Eu procurava fazer ‘tabula rasa’, a partir da qual se pode começar a construir (CAMUS, 1965d, p. 1342-1343).

O Mito de Sísifo é um ensaio sobre o absurdo, o que nos obriga a esclarecer o que é o absurdo. Entretanto, como explicar o que, em si, é inexplicável? O absurdo é, em si, contradição (CAMUS, 1965b, p. 120). É por esse motivo que no *Mito* não há uma explicação precisa do que ele seja. Camus, convicto da falta de sentido da vida, não perde tempo com a formulação ou a análise conceituais. Entretanto, isso não significa que Camus não esclareça, por meio de uma descrição do vivido, o que seja o absurdo. Assim é a obra camusiana: ela não pretende explicar, eliminar ou resolver o problema do absurdo, “mas sentir e descrever” (CAMUS, 1965b, p. 174), pois Camus está persuadido da inutilidade de todo princípio de explicação.

A preocupação camusiana é com o vivido, com o homem em carne e osso, não com a formulação ou a análise conceitual. Conforme observou Inmaculada Mádoz (2007, p. 349): “o absurdo é tensão existencial, não mera forma conceitual”. O absurdo é a concepção metafísica do homem (CAMUS, 1965b, p. 105), que descreve sua contradição com o mundo (CAMUS, 1965b, p. 109); é o divórcio entre o homem e o mundo (CAMUS, 1965b, p. 101); é um pecado sem Deus (CAMUS, 1965b, p. 128). Em outras palavras, o absurdo é “uma relação de inadequação metafísica entre o homem e o mundo” (PIMENTA, 2004, p. 48), que não o conduz a Deus ou ao desespero, mas à revolta.

O homem é racional, mas também possui sensibilidade. É pela sensibilidade que ele experimenta sua contradição com o mundo; é a partir dela, da sensibilidade, que ele sofre e se decepciona perante o mundo. Disso se segue a primeira evidência, a saber, o sentimento de absurdidade. Segundo Camus (1965b, p. 102), “adquirimos o hábito de viver antes de adquirir o de pensar”, ou seja, antes de interpretar a realidade, o homem a experimenta. A sensibilidade já se encontra presente nos escritos de juventude, como em *O avesso e o direito* e *Núpcias*, obras de 1937 e 1939, respectivamente. Todavia, nota-se que ela não foi perdida pelo pensador maduro, pois continuou nos ciclos do absurdo e da revolta. Vale lembrar que, no prefácio à segunda edição de *O avesso e o direito*⁴, Camus (1965e, p. 5-6) reconheceu a fidelidade a seus primeiros escritos: “cada artista conserva dentro de si uma fonte única, que alimenta durante a sua vida, o que ele é e o que diz. [...] Sei que minha fonte está em *O avesso e o direito*”.

O DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA DO SENTIMENTO DO ABSURDO

Em suas atividades habituais, o homem vive de maneira mecânica, artificial e sem refletir sobre o sentido de sua própria existência, ficando, portanto, escravo de seus hábitos. A vida é ritmada pelos hábitos cotidianos. No entanto, há um momento imprevisto em que a consciência desperta, e, desde então, a condição humana se reveste de uma nova visão. Esse instante de lucidez diante do automatismo cotidiano torna estúpido e sem sentido tudo que nos rodeia. Trata-se de sentir o sentimento de estrangeiridade, de sentir-se estranho a si mesmo, ou seja, trata-se de uma não familiaridade em relação à própria vida. Esse mal-estar diante da existência humana, “essa incalculável queda diante da imagem do que nós somos, essa ‘náusea’, como a denomina um autor de nossos dias, é também o absurdo” (CAMUS, 1965b, p. 108). O homem

⁴ Escrito em 1935 e 1936, publicado em 1937 e reeditado pela Gallimard em 1954 com um novo prefácio.

é um estrangeiro no mundo, mas a consciência de sua estrangeiridade lhe permite recuperar o mundo sem os automatismos dos hábitos e as máscaras da vida social.

O despertar da consciência, ao colocar o problema metafísico fundamental, isto é, o sentido da vida, afasta o homem de sua vida mecânica. Desse modo, ele percebe a artificialidade e a falta de sentido de sua existência e compreende que pertence a um “universo de alicerces derrubados” (MATHIAS, 1975, p. 54). Tudo começa com a consciência.

Um dia há um despertar da vida mecanicista que até aí era tida como normal, levantam-se os porquês, não se encontra o sentido que se pensava ter. E o homem sente-se estranho, não mais integrado; é estrangeiro. A realidade agora é constituída pela falta de explicação. As coisas que se desenrolavam maquinalmente, num *laissez faire* preguiçoso de reflexão, passam agora a ser tidas como incompreensíveis (MARTINS, 2009, p. 15).

O sentimento do absurdo provém da tomada de consciência que passa a divorciar-se dos atos mecânicos. Nesse momento, o homem percebe, por meio da sensibilidade, a artificialidade e a falta de sentido da existência. Somente a consciência poderá mostrar a absurdidade do cotidiano. Desse modo, a constatação do absurdo se identifica com a constatação da ausência de sentido da vida. Logo, o despertar da consciência é metafísico por excelência (LEITE, 2004, p. 46), pois é a partir daí que Camus faz a descrição ontológica da realidade⁵. Portanto, a consciência amarga a descoberta do sem sentido, a constatação de que a vida não é como pensávamos que fosse.

O fio do discurso aqui não deve perder-se na aparente incoerência entre o conceito de *tomar consciência de* e aquele de *ação*. Na verdade, neste contexto, o primeiro conceito não deve ser entendido como abstrato, na medida em que para tomar realmente consciência é necessário experimentar. O pensar sobre aquilo que se experimenta, então, está indissoluvelmente ligado e, ousaria dizer, vinculado à ação prática. Neste sentido, não há distância que separe o pensar e o fazer [...]. A ação não tem valor sem o

⁵ Tanto o absurdo como a fenomenologia buscam a descrição do vivido. Nisso o pensamento camusiano está de acordo com o de Husserl. A discordância de Camus em relação ao fenomenólogo diz respeito ao salto que o último comete, ao afirmar a existência de essências extratemporais. Esse salto Camus denomina, em *O mito de Sísifo*, “suicídio filosófico”.

pensamento e o pensamento, por sua vez, é intrinsecamente experiência (MADRUSSAN, 2000, p. 50, grifos no original).

O sentimento do absurdo é a expressão da lucidez frente ao problema metafísico fundamental, o problema da ausência de sentido da vida. É por isso que, na ótica camusiana, o absurdo consiste no estado metafísico do homem consciente. Toda reflexão se inicia com a consciência. “Um dia, porém, o “porquê” se eleva e tudo começa com essa lassidão tingida de espanto. ‘Começa’: isso é importante. [...]. Aqui, devo concluir que ela é boa. Pois tudo começa com a consciência e nada vale sem ela” (CAMUS, 1965b, p. 107).

Enfim, em Camus, encontramos descrições das relações do homem com o mundo, descrições que revelam a existência mecânica e sem sentido. Como afirma Martins (2009, p. 06): “É nessa abertura do olhar que conseguimos desvelar todos os indícios dessa existência automática e cada vez mais sem sentido”. No entanto, o homem que toma consciência dos aspectos mecânicos passa a divorciar-se dessa relação autômata. Para Albert Camus, com o despertar da consciência, o homem reaprende a ver o mundo e a agir nele, saindo, portanto, de sua condição *autômata* para uma condição *autônoma*. Assim, Camus ilustra a fratura que há entre o homem e o mundo, proporcionando um conhecimento de sua própria condição capaz de orientar sua ação.

A consciência da absurdidade inicia-se com a experiência existencial de se perguntar pelo sentido da vida, de se interrogar se há um motivo profundo para viver. Com essas interrogações, o homem é minado por seus próprios pensamentos⁶. No entanto, a consciência da absurdidade surge de maneira imprevisível. “O sentimento do absurdo, em uma esquina qualquer, pode bater no rosto de um homem qualquer” (CAMUS, 1965b, p. 105). É desse nascimento imprevisível que o absurdo extrai sua grandeza. A tomada de consciência ocorre em um momento inesperado, que deixa claras a ausência de sentido e a artificialidade do mundo desordenado e mecânico. Assim, a desarmonia entre o homem e o mundo é descoberta pela sensibilidade, “esse divórcio entre o homem e o mundo, entre o ator e seu cenário é propriamente o sentimento do absurdo” (CAMUS, 1965b, p. 101). O despertar para a absurdidade é um fato aparentemente banal; no entanto, traz grandes consequências, visto que carrega consigo “uma nova visão de mundo” (MÉLANÇON, 1976, p. 20).

⁶ Como afirmou Camus (1965b, p. 100) em seu ensaio sobre o absurdo: “começar a pensar é começar a ser minado”.

Todas as grandes ações e todos os grandes pensamentos têm um começo irrisório. Geralmente, as grandes obras nascem na esquina de uma rua ou na porta giratória de um restaurante. O mesmo sucede com a absurdidade. O mundo absurdo, mais que qualquer outro, obtém sua nobreza desse nascimento miserável (CAMUS, 1965b, p. 106).

A preocupação camusiana é com o ser-no-mundo. Apesar de Camus não utilizar a expressão ser-no-mundo, entendemos que ela se encaixa perfeitamente em seu pensamento e deve ser entendida como a “constituição ontológica fundamental do homem como ser-aí e que reúne todos os seus modos de ser e estar no mundo, enquanto conjunto de significações e remissões que emergem das relações do homem com as coisas e os outros” (FERREIRA JÚNIOR, 2013, p. 242).

O primeiro sinal do homem que se descobre absurdo é a sensação – que surge com o despertar da consciência – do vazio com sua própria condição. Esse despertar, por sua vez, é uma via de acesso a seu próprio ser, que tem implicações práticas, visto que ser-no-mundo não implica o homem ser simplesmente um ente dentro do mundo, mas permanecer íntimo ao mundo.

Somos escravos de nossos costumes e “continuamos fazendo os gestos que a existência ordena, por muitos motivos, o primeiro dos quais é o hábito” (CAMUS, 1965b, p. 101). No entanto, em um momento inesperado, tudo deixa de fazer sentido, e o homem reconhece a ausência de coerência em tudo que o rodeia. Viver é um hábito, muitas vezes, mecânico e com pouca reflexão.

A vida dirigida pelos hábitos irrefletidos do dia a dia evidencia, em Camus, um mecanicismo (ou vida maquinal) que não deve ser associado a uma possível influência cartesiana, pois, enquanto o mecanicismo cartesiano está ligado à medicina e ao racionalismo, o mecanicismo de Albert Camus está ligado a uma incansável repetição, sem finalidade, dos atos cotidianos, marcada pelo trabalho burocrático semanal, constituído de ações inúteis e desprovidas de sentido.

Acordar, bonde, quatro horas no escritório ou na fábrica, almoço, bonde, quatro horas de trabalho, jantar, sono e segunda, terça, quarta, quinta, sexta e sábado no mesmo ritmo, um percurso que transcorre a maior parte do tempo sem problemas. Um dia, porém, o “porquê” se eleva e tudo começa com essa lassidão tingida de espanto. “Começa”: isso é importante. A lassidão está ao

final dos atos de uma vida maquinal, mas ela inaugura ao mesmo tempo o movimento da consciência (CAMUS, 1965b, p. 106-107).

De modo geral, o homem está acostumado a viver e a continuar vivendo; raras vezes questiona seu cotidiano. Hoje o homem vive o mal-estar de uma época que dificulta uma reflexão mais essencial e originária. “Tudo se mostra em sua disponibilidade ao cálculo como estoque e recurso que alimenta o ciclo infindável da produção” (FERREIRA JÚNIOR, 2012, p. 20). A cada dia, absorvido por suas obrigações pessoais, familiares ou profissionais, prisioneiro de suas paixões, de suas ocupações e de seus hábitos, não atenta às questões fundamentais da condição humana. Assim, dificilmente percebe a artificialidade de sua vida e, conseqüentemente, continuará acreditando em suas núpcias com o mundo.

Segundo Camus, o despertar da consciência do absurdo é um gesto definitivo, visto que o movimento da consciência é um percurso sem volta, que esclarece ao homem que sua vida é sem sentido (HENGELBROCK, 2006, p. 47). No entanto, como já afirmamos, a constatação da absurdidade da vida não é a conclusão do pensamento absurdo, mas o ponto de partida, pois a atenção de Camus está voltada para as regras de ação que se tiram dessa constatação. Trata-se de investigar as atitudes e os raciocínios que se mantêm fiéis às experiências do absurdo. “O que me interessa, quero repetir, não são tanto as descobertas absurdas. São suas conseqüências” (CAMUS, 1965b, p. 109). Um ano após a publicação de *O mito de Sísifo*, em carta a seu antigo professor, Jean Grenier, datada de 28 de maio de 1943, Camus reconhece que é possível inferir as conseqüências lógicas da tomada de consciência e reconhecê-las em prática na própria vida. Uma das possíveis conseqüências do despontar do sentimento do absurdo é o suicídio físico. Há pessoas que se suicidam por considerar que a vida não vale a pena ser vivida, visto que “os homens que morrem por suas próprias mãos seguem até o fim a inclinação do seu sentimento” (CAMUS, 1965b, p. 103). Outras partem da constatação do absurdo para o salto a alguma instância superior. A isso o autor do *Mito* denominou “suicídio filosófico”.

Não é possível definir o absurdo, mas tão somente descrevê-lo⁷, pois trata-se de um sentimento irracional, contrário à razão (MÉLANÇON, 1976, p. 21). Segundo Camus (1965b, p. 105, grifos no original):

⁷ Não há, em *O mito de Sísifo*, a pretensão de oferecer uma definição do absurdo, mas unicamente de descrevê-lo. Albert Camus (1965b, p. 109) não define, nem conceitua ou explica o absurdo, pois o absurdo é, em si mesmo, “contradição”. Sendo assim, cabe uma descrição da experiência que ilustra o divórcio entre o homem e o mundo.

todos esses sentimentos irracionais que a análise não saberia dominar eu posso *praticamente* defini-los, *praticamente* apreciá-los, para reunir a soma de suas consequências na ordem do entendimento, para captar e anotar todos os seus aspectos, para descrever seu universo.

O tempo, o maior inimigo do homem, é outro fator que colabora para que o sentimento do absurdo apareça. O homem desprovido de consciência dá especial atenção para o futuro. “Vivemos do futuro: ‘amanhã’, ‘mais tarde’, ‘quando você conseguir uma posição’, ‘com o tempo você vai entender’” (CAMUS, 1965b, p. 107). Como observou Oliveira (2001, p. 64), “viver e agir unicamente em função do futuro significa transformar toda atuação num cálculo dos resultados”. Em Camus há a indiferença em relação ao futuro e a paixão pelo presente. Esperar o futuro é uma forma de morrer para o presente. O homem que tanto ansiava o futuro percebe que amanhã estaremos todos mortos. O homem tem o desejo de durar, mas sua natureza é perecível⁸. A vida é curta, e o esperar é uma incoerência, pois o tempo se configura como agente destruidor, ao trazer sua demonstração: a morte, a mais evidente das demonstrações absurdas (CAMUS, 1965b, p. 108-109). A morte é o conteúdo da absurdidade. É contra esse conteúdo que o homem consciente luta e se revolta. Portanto, o tempo e a morte fazem parte da realidade humana. A evidência da morte torna visível a absurdidade da vida e a inutilidade do sofrimento.

A morte é um tema com bastante presença na obra de Albert Camus. Desde *O avesso e o direito*, a morte e suas variações, ou seja, velhice, doença, miséria e solidão, aparecem como pano de fundo à sua obra. A presença da morte contribui para o despertar definitivo da consciência, pois ela coloca o homem diante de si mesmo. É no olhar para si que o homem toma consciência da miséria de sua condição ontológica. Nesse cenário, a morte revela-se como a injustiça ontológica contra o homem.

A revelação da morte tem algo de violento e nos transforma. Chega um dia em que nos damos conta de que o homem morre e de que morreremos. Uma vez atingida esta verdade, seremos para sempre presa. É pela morte que nossa sensibilidade chega ao absurdo. Só depois de termos sido atingidos de perto, a grande verdade terá significação e não mais se deixará levar ao desprezo. Ela é o nosso acesso à sensibilidade absurda (GUIMARÃES, 1971, p. 31).

⁸ “Tudo que é perecível deseja durar” (CAMUS, 1965f, p. 826).

A transformação a que Guimarães se refere diz respeito à lucidez do destino trágico do homem, que, por sua vez, revela a injustiça ontológica, ao colocar o homem diante de si, tornando-o consciente de seu estado metafísico. Ainda segundo Guimarães (1971, p. 33), “a morte deixa de ser um último fato e é mostrada como uma estrutura permanente de nosso ser. O homem é um ser morrente”, um ser-no-mundo e um ser-para-a-morte.

A NOÇÃO DO ABSURDO

No início de seu ensaio sobre o absurdo, Albert Camus (1965b, p. 99) deixa claro que as evidências sensíveis precisam ser esclarecidas pela razão: “Estão aí as evidências que são sensíveis para o coração, mas é preciso aprofundar para torná-las claras à inteligência”. Nossa pretensão, neste momento, é esclarecer e tornar mais precisa, no âmbito da inteligência, a constatação já trazida à tona pela sensibilidade. “A primeira providência do espírito é distinguir o verdadeiro do falso” (CAMUS, 1965b, 109), mas o apetite de clareza, de uma percepção clara dessa existência, não é plenamente saciado. Em outras palavras, essa desproporção entre o silêncio do mundo e o desejo de clareza, essa nostalgia por unidade, ilustra o drama humano que Camus denomina de absurdo. Assim, podemos perceber que o homem é um estrangeiro no mundo⁹, um ser-no-mundo condenado ao exílio e estranho a si mesmo.

A inteligência descreve à sua maneira a inadequação ontológica entre o homem e o mundo, ao nos informar que o universo é “indecifrável e limitado” (CAMUS, 1965b, p. 113). A realidade é constituída por uma falta de explicação. A noção do absurdo deve ser entendida como a relação que há entre o desejo humano de explicação e o mundo indecifrável. Essa evidência, já percebida pela sensibilidade e agora ratificada pela razão, Albert Camus denomina de “noção do absurdo”. Assim, percebemos que a noção do absurdo não traz grandes novidades, visto que a inteligência investiga o que a sensibilidade já constatou. Sobre esse aspecto, afirma Sartre (2005, p. 124, grifos no original) em sua “Explicação de *O estrangeiro*”:

Camus distingue, como já dissemos, o *sentimento* e a *noção* do absurdo. Em *O mito de Sísifo* ele escreve: “Assim como as grandes obras, os sentimentos profundos significam sempre mais do que têm consciência de dizer. [...] Os

⁹ O mundo, para Camus, deve ser entendido em um sentido cartesiano, isto é, tudo que não está na ordem da consciência (HENGELBROCK, 2006, p. 55).

grandes sentimentos carregam consigo um universo esplêndido ou miserável”. E mais adiante acrescenta: “O sentimento do absurdo não é no entanto a noção do absurdo. Ele a funda, nada mais. Não se resume a ela...”.

É por essa razão que podemos afirmar que a noção do absurdo não traz nada de espetacular.

Este mundo, em si mesmo, não é razoável, eis tudo que se pode dizer. Porém, o que é absurdo é o confronto entre o irracional e esse apaixonado desejo de clareza cujo apelo ressoa no mais profundo do homem. O absurdo depende tanto do homem quanto do mundo. Por ora, é o único laço entre os dois (CAMUS, 1965b, p. 113).

Já assinalamos que é por meio de uma experiência existencial que o homem percebe, via sensibilidade, o sentimento de mal-estar diante da existência. Agora, trata-se de procurar uma justificativa intelectual para o que a sensibilidade já constatou. Como observou Silva (2008, p. 143): “Camus une a razão à sensibilidade, as faculdades humanas de conhecer e de sentir, sem que elas se anulem mutuamente, e seus ensaios se situam entre o desejo de conhecer e o sentimento do homem no mundo”. Sentimento do absurdo não é sinônimo de noção do absurdo, porém isso não exclui uma relação entre ambos.

Os termos que configuram a noção do absurdo são: o homem com sua exigência de clareza e unidade; o mundo ininteligível; e a contradição entre o homem e o mundo, ou seja, o confronto entre o mundo ininteligível e o desejo humano de clareza e unidade. A união desses três termos é denominada de “singular trindade” (CAMUS, 1965b, p. 120). Trindade é um termo de cunho religioso¹⁰ que declara Deus como sendo uno e trino ao mesmo tempo, o que “é impossível”, “é contraditório” (CAMUS, 1965b, p.120). O absurdo é uno e trino ao mesmo tempo, e a eliminação de um de seus termos elimina, também, o absurdo. Assim, notamos que o absurdo não se situa em nenhum dos termos separadamente, mas em sua presença comum, viabilizada pela consciência.

¹⁰ Camus não ignora o pensamento cristão, prova disso é o constante uso de termos religiosos em sua obra: “o absurdo é um pecado sem Deus” (CAMUS, 1965b, p. 128), “transcendência” (CAMUS, 1965b, p. 122, 131), além seu de seu trabalho sobre Plotino e Agostinho, *Métaphysique chrétienne et néoplatonisme*, para obtenção de *Diplôme d’Études Supérieures*.

O absurdo é em si contradição. O apetite de clareza não é plenamente saciado, pois, quando “o pensamento reflete sobre ele mesmo, o que ele logo descobre é uma contradição” (CAMUS, 1965b, p. 109). Um mundo contraditório é um mundo ininteligível, é um mundo não familiar.

Não sendo possível a plena compreensão, Camus não almeja explicar a condição metafísica do homem, mas descrevê-la. O homem e o mundo são, portanto, irreconciliáveis e, ao mesmo tempo, unidos, sendo que o homem é um ser-no-mundo e procura, por meio de sua razão, distinguir o verdadeiro do falso; com isso, descobre a contradição e toma consciência de sua necessidade de unidade. Portanto, homem e mundo são irreconciliáveis, porém, permanecem unidos pelo absurdo.

O desejo profundo do próprio espírito, em suas operações mais evoluídas, vai ao encontro da sensação inconsciente do homem diante do universo: exigência de familiaridade, apetite de clareza. Compreender o mundo, para um homem, é reduzi-lo ao humano, marcá-lo com seu selo [...]. Essa nostalgia de unidade e esse apetite de absoluto ilustram o movimento essencial do drama humano (CAMUS, 1965b, p. 110).

Ao debruçar-se sobre sua própria condição, conclui que ela não pode ser compreendida, pois compreender é unificar o apetite de clareza ao silêncio do mundo, o que se mostrou impossível. Assim, ilustra-se o drama da existência humana viabilizado pela razão.

É preciso considerar como uma referência perpétua, neste ensaio, a constante diferença entre o que imaginamos saber e o que realmente sabemos, o consentimento prático e a ignorância simulada que faz com que vivamos com ideias que, se as sentíssemos de verdade, deveriam perturbar toda nossa vida (CAMUS, 1965b, p. 110-111).

O conhecimento é proveniente da sensibilidade: “Este coração que há em mim, posso senti-lo e julgo que ele existe. O mundo, posso tocá-lo e também julgo que ele existe. Aí termina toda a minha ciência, o resto é construção” (CAMUS, 1965b, p. 111). Apesar do conhecimento ser oriundo da sensibilidade, o homem permanecerá um estrangeiro de sua própria existência.

Entre a certeza que tenho da minha existência e o conteúdo que tento dar a essa segurança, há um fosso que jamais será preenchido. Serei para sempre um estranho diante de mim mesmo. [...]. O “conhece-te a ti mesmo” de Sócrates tem tanto valor quanto o “sê virtuoso” de nossos confesionários. Revelam uma nostalgia ao mesmo tempo que uma ignorância (CAMUS, 1965b, p. 111).

Enfim, esse mundo não tem um sentido que o ultrapassa e, se tivesse, não seria possível conhecê-lo, pois só é possível compreender em termos humanos. “O que eu toco, o que me resiste, eis o que compreendo” (CAMUS, 1965b, p.136). Não há um sentido transcendente à condição humana; assim, o humano apetite de clareza não pode ser saciado pela fé em um ser superior. O homem permanecerá um estrangeiro para si, um desconhecido de si; ele busca a unidade com o cosmo, mas encontra o absurdo, a contradição, o paradoxo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo que vimos até o momento, podemos afirmar que o sentimento do absurdo não é o ponto de chegada nem uma reação cega, instintiva ou mecânica, mas um marco inicial que rompe com os atos mecânicos do dia a dia, elabora e legitima paixões futuras, como a demarcação consciente para a revolta. É por meio da sensibilidade que se chega a esse sentimento de mal-estar diante da existência, ou seja, ao momento privilegiado e consciente, que expressa a lucidez do homem perante o problema metafísico fundamental, denominado por Albert Camus de sentimento do absurdo.

A partir de nossa análise, também podemos asseverar que a busca por clareza resulta na incompreensão do mundo, visto que os limites da razão não permitem que o mundo seja compreensível “por impossibilidade da própria razão” (HENGELBROCK, 2006, p. 49). Como observa Carlos Eduardo Guimarães (1971, p. 55), “o mundo não se deixa abarcar pela racionalidade e contraria toda ordem e clareza que queiramos lançar. [...]. O mundo não é racional. E dizendo isto, queremos significar, apenas, que não se deixa reduzir às dimensões humanas”.

Em síntese, qualquer que seja o caminho, seja pela sensibilidade, seja pela razão, sempre chegamos ao absurdo. O absurdo não pode ser dividido, tampouco podemos eliminar

um de seus termos, pois, ao fazê-lo, o excluímos completamente. O absurdo também não existe fora do espírito humano. Ele termina com a morte e não existe fora deste mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMUS, Albert. Noces. *Essais*. Paris: Gallimard, 1965a.
- _____. Le mythe de Sisyphe. *Essais*. Paris: Gallimard, 1965b.
- _____. L'homme révolté. *Essais*. Paris: Gallimard, 1965c.
- _____. Textes complémentaires. *Essais*. Paris: Gallimard, 1965d.
- _____. L'envers et l'endroit. *Essais*. Paris: Gallimard, 1965e.
- _____. *O mito de Sísifo*. Trad. Mauro Gama. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- COHN, Lionel. *La nature et l'homme dans l'oeuvre d'Albert Camus et dans la pensée de Teilhard de Chardin*. Lousanne: L'Age d'Homme, 1975.
- FERREIRA JÚNIOR, Wanderley. Condições de possibilidade para pensar o agir ético: a experiência da diferença e do *outra*. *Conjectura – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul*, v. 17, n. 03, 2012.
- _____. Elementos para uma filosofia da educação heideggeriana. Homem e mundo na perspectiva fenomenológica existencial. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – Universidade de Brasília, Brasília*, n. 20, 2013.
- GUIMARÃES, Carlos Eduardo. *As dimensões do homem: mundo, absurdo, revolta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
- HENGELBROCK, Jürgen. *Albert Camus: sentimento espontâneo e crise do pensar*. Trad. Maria Luisa Guerra e Ivone Kaku. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2006.
- LEITE, Lourenço. *Albert Camus: a ética do absurdo*. 2004. Disponível em: repositório institucional UFBA.
<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/5582/1/ETICA%20DO%20ABSURDO-2012.pdf>. Acesso em 19 jan. 2014.
- MÁDOZ, Inmaculada Cuquerella. *La superación del nihilismo en la obra de Albert Camus*. La vida como obra trágica. Tese (Doutorado) – Universitat de València, València, 2007.
- MADRUSSAN, Elena. *La pedagogia dell'assurdo*. Albert Camus come educatore. Roma: Anicia, 2000.
- MARTINS, Vanessa Mendes. *A dicotomia do homem revoltado*. Para uma compreensão da violência e do compromisso no pensamento de Albert Camus. Dissertação (Mestrado) – Universidade da Beira Interior, Lisboa, 2009.
- MATHIAS, Marcelo. *A felicidade em Albert Camus: aproximação à sua obra*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- MÉLANÇON, Marcel. *Albert Camus: analyse de sa pensée*. Fribourg: Editions Universitaires Fribourg Suisse, 1976.
- OLIVEIRA, Bernardo Jefferson. *A revolta em Albert Camus*. Rio de Janeiro: Booklink, 2001.
- PIMENTA, Alessandro Rodrigues. *A ética da revolta em Albert Camus*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. Explicação de *O estrangeiro*. In: SARTRE, Jean-Paul. *Situações I: críticas literárias*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

SILVA, Nilson Adauto Guimarães da. *A revolta na obra de Albert Camus*. Posicionamento no campo literário, gênero, estética e ética. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.